

A imprensa de Belém e o golpe militar de 1964

Paulo Roberto FERREIRA, especialista, Faculdade Ipiranga, Belém, Pará. E-mail: ferreira.pauloroberto@gmail.com

A imprensa brasileira que se autoproclama defensora do mito da transparência editorial e da pluralidade de opiniões, ao longo da segunda metade do século XX passa a assumir uma postura contraditória com esses valores, na medida em que, de forma articulada com as novas mídias – rádio e televisão – toma partido da conjuntura política e, como influente ator, contribui fortemente nos desdobramentos dos acontecimentos e na implantação de uma nova ordem econômica, social e política, como bem lembra Nelson Werneck Sodré:

(...) em 1954, jornais e rádio, habitualmente consorciados empresarialmente, montaram uma “operação” que levou o presidente Vargas ao suicídio, praticamente já deposto, em três semanas, entre 5 e 24 de agosto; em 1964, dez anos depois, jornais, rádio e televisão, trabalhando unidos para a tarefa, levaram o presidente Goulart ao exílio, já deposto, em “operação” realizada em menos de um mês.¹

A nova ordem foi tramada conjuntamente com outros atores sociais. A mídia brasileira foi um dos instrumentos utilizados pelos articuladores da quebra da institucionalidade em 1964. Os jornais impressos, o rádio e a televisão foram fortes aliados na criação de um ambiente favorável à derrubada do governo democrático e na implantação de um regime de força, baseado no arbítrio militar com suporte da elite civil, que inclui empresários, latifundiários, técnicos, estudantes, parte da igreja católica e políticos conservadores.

A elite orgânica se empenhava na fusão dos militantes grupos antigovernistas que se encontravam dispersos. Ela instituiu organizações de cobertura para operações encobertas (penetração e contenção) dentro dos movimentos estudantis e operários e desencorajou a mobilização dos camponeses. Estabeleceu ainda uma bem organizada presença política no Congresso e coordenou esforços de todas as facções de centro-direita em oposição ao governo e à esquerda trabalhista. A elite orgânica também estabeleceu o que

¹ Sodré, Nelson Werneck. História da Imprensa no Brasil – 4ª edição. Rio de Janeiro: MUAD, 1999.

pode ser considerado como efetivo controle da mídia audiovisual e da imprensa de todo o País.²

Os jornais diários impressos em Belém, no período que antecedeu ao golpe militar de 1964, conspiravam abertamente contra o regime democrático instaurado no País sob a vivência da Constituição Brasileira de 1946. Um bom exemplo é o trecho do artigo publicado na primeira página da *Folha do Norte*, dia primeiro de janeiro de 1964:

O Sr. Presidente em vez de trabalhar pelo bem do país e pela glorificação de seu nome e do seu governo, forceja cada dia em atormentar as consciências e a alarmar toda a vida ordeira, toda a vida pacífica, toda a possibilidade das conquistas grandiosas, sem as quais não podem viver as nações, nem poderá prosperar o Brasil. Tudo impõe cogitar dos melhoramentos imprescindíveis, que continuam ao crescendo de todas as nossas indústrias, qualquer que seja o seu campo de ação. Os governos existem para governar ou para desgovernar, existem como um benefício ou como uma catapulta infernal?³

O presidente da República, João Goulart (Jango), era tratado de forma grosseira, desrespeitosa e a postura editorial dos veículos de comunicação se distanciava em muito do tratamento dispensado a outras personalidades políticas daquele período, comportamento esse que mais se assemelhava à linguagem dos panfletos partidários.

E aquele tratamento se refletia nos artigos, editoriais e nos títulos das matérias enviadas pelas agências de notícias, que por sua vez, chegavam às redações carregadas nas tintas preconceituosas contra o líder político, que foi ministro do Trabalho no governo do presidente Getúlio Vargas.

O comunismo era palavra satanizada por todo o vasto arsenal da indústria da comunicação, no Brasil e em todo o Ocidente. (...) A luta política no Brasil daqueles dias era marcada por esse medo do comunismo, alimentado diariamente pela grande imprensa.⁴

² Dreifuss, René Armand. 1964: a conquista do Estado – ação política, poder e golpe de classe. Petrópolis (RJ): Vozes, 1987.

³ Meira, Augusto. Nos domínios da perversão. Belém: Folha do Norte 01 de janeiro de 1964.

⁴ Lima, Pedro Galvão. 1964. Relatos Subversivos: os estudantes e o golpe militar no Pará. Belém: Edição dos Autores, 2004.

Os veículos de comunicação impressa de Belém, mais expressivos na época, *Folha do Norte*, *A Província do Pará* e *O Liberal*, que mesmo defendendo interesses aparentemente tão diversos no plano local, refletiam uma certa unidade editorial em relação ao plano federal, a partir da opinião de seus articulistas e redatores responsáveis pela edição das páginas que tratavam do noticiário político nacional. “A exceção do *Jornal do Dia*, todos os demais defenderam o golpe militar. Ora mais, ora menos, ora ostensivamente, ora disfarçadamente, a imprensa em geral clamava pelo golpe”, diz o professor José Seráfico.⁵

O exemplo abaixo é bem claro:

A situação nacional está madura para uma tomada de posição do Governo. E não há outra saída: ou o presidente da República reage patrioticamente _ e para isso conta com o apoio do Congresso e do povo brasileiro _ , sufocando a agitação, ou mergulharemos cada vez mais na mais desregrada anarquia, cujo fim é previsível para os que não são cegos. ⁶

Outro exemplo do papel que a imprensa do Pará desempenhou na preparação do golpe:

Nossa pátria é rica. Falta-lhe, tão só, um administrador que moralize a burocracia, em todos os seus ângulos. Um pulso forte, firme, justo, para que o mundo inteiro saiba mesmo o que é o Brasil.⁷

A pregação golpista assumia, às vezes, formas de crônica, como no texto “Na Orla Áspera”, publicado na *Folha Vespertina*, um dos jornais da família Maranhão:

Fui almoçar no “Brasil” com um pequeno grupo de pessoas muito simpáticas e amáveis. Como acontece habitualmente desde que Jango fechou o Brasil para desarrumações, o cais estava em greve. Desta vez, não greve contra os armadores, ou o Ministério do Trabalho, mas contra uma facção da própria camorra, contra eles próprios, lobo a comer lobo. Quem quiser ter a imagem da estagnação, não visite cemitérios: visite cais de braços cruzados. Ali não se paralisa apenas o País: paralisa-se o mundo.

⁵ Seráfico, José, em depoimento ao autor deste trabalho, em 31 de outubro de 2007.

⁶ R de A. Política quase sempre. Belém: A Província do Pará, 13 de novembro de 1963.

⁷ Coluna Também Pode Ser – Etc. e Tal. Belém: A Província do Pará, 15 de novembro de 1963.

Um navio moderníssimo de pesca, com inscrições japonesas na popa, nos lembrava ao lado do imaculado transatlântico, que havia menos peixe nos mercados, e famintos pagando mais caro e menos peixe oferecido à venda. Uns trinta navios atrasavam sua missão, sacrificavam os benefícios gerais da sua pontualidade porque no nosso litoral o direito de trabalhar ao capricho do corpo tornou-se tão válido como o dever de parar o trabalho ao capricho do bolso.

No rosto de alguns ditadores da estiva, em doce fazer nada ao abrigo dos trapiches, havia o sorriso debochado de quem goza em ter a faca própria e o queijo dos outros na mão. Orgulhavam-se visivelmente dos seus discricionários poderes; talvez estivessem lembrando a humildade que sua arrogância produz no Presidente da República quando este vai ao cais refrescar os louros murchos da sua glória trabalhista, e assinar decretos à minuta, exigidos na hora, ao espumar de cerveja, ao transbordar da cachaça, ao espocar dos cabeludos neologismos da gíria.

Chovia neste governo, quando chove direitinho, sem trombas d'água, o povo tem esperanças de dias menos piores. A natureza está mais em oposição a Jango do que Lacerda e Ademar juntos. As besteiras e as maquinagens do Planalto são menos temidas pelo povo do que a ira oposicionista dos elementos. Secas, incêndios, inundações apóiam todas as greves ilegais, decretadas pelo CGT; mas por oposição a elas, partindo do princípio que com gente assim, quanto pior melhor, e se eles dizem “mata”! Não resta-se não dizer “esfolá”!, e engrossar a tempestade para encurtar-lhe a duração e aproximar a bonança.

Assim sendo, a chuva amiga tornava festiva a calamidade de um porto gigantesco como o do Rio de Janeiro mais uma vez estupidamente parado. Uns patriotas em mangas de camisa se deixavam molhar civicamente pelos grossos pingos e davam mentalmente vivas ao Brasil e ao Presidente da República. Chegamos a um tempo em que, quando chove sem se afogarem populações e rebanhos, o Governo se considera fortalecido por um voto de confiança em seu tino administrativo. Fechei também o guarda-chuva e participei do plebiscito. Minha gripe será o SIM.⁸

⁸ Pongetti, Henrique. Coluna Na Orla Áspera, coluna O Show da Cidade. Belém: Folha Vespertina, 06 de novembro de 1963.

As propostas de Reformas de Base, que tanto mobilizavam os aliados do governo federal, provocavam reação nos conservadores e seus prepostos, que não toleravam a pauta política, sobretudo, quando o tema era a reforma agrária. Representantes dos interesses dos fazendeiros do Marajó, região que concentrava o peso da pecuária regional na época, estavam dentro das redações dos jornais de Belém, ou como jornalistas, ou como colaboradores, que escrevem seus artigos de forma sistemática e com regularidade.

Os grupos civis que se mobilizavam aqui, no Pará, tinham receio de uma preconizada reforma agrária, especialmente os grandes proprietários de terras dos quais os mais ativos eram os da Ilha do Marajó que, morando em Belém, financiavam as campanhas de políticos a eles favoráveis, e cujos filhos e/ou empregados engrossavam a oposição de ‘direita’ que também atuava no movimento estudantil.⁹

Ilustra muito bem o tipo de reação das elites à proposta de reforma agrária, o artigo de Augusto Meira:

S. Excia. continua a inquietar o país, a levar por toda parte essa situação agônica em que todos vivem, em face de propósitos de inferior quilate e extravagante. Por que S. Excia. não faz alguma coisa no sentido de incrementar a nossa lavoura primária encalacrada, lhe dando garantias e lhe oferecendo aparelhos modernos, capazes de trazer a todos a abundância de gêneros de toda ordem? Por que S. Excia. se endurece nessa idéia estapafúrdia de assaltar, a propriedade alheia e intranqüilizar toda uma nação?¹⁰

A *Folha do Norte*, jornal criado no início do século 20, refletia o pensamento de seu proprietário e principal redator, o jornalista Paulo Maranhão, que cultuava os valores militares, era anticomunista visceral e sempre defendeu abertamente a ditadura de Antônio Salazar, em Portugal.

⁹ Alves, Isidoro Maria da Silva Alves. *Relatos Subversivos: os estudantes e o golpe militar no Pará*. Belém: Edição dos Autores, 2004.

¹⁰Meira, Augusto. *Vesânia Inqualificável*. Belém: Folha do Norte, 3 de Janeiro de 1964.

Já *A Província do Pará* surgiu no final do século 19 e pertencia, desde 1947, ao condomínio Diários Associados, de Assis Chateaubriand, inimigo declarado de Getúlio Vargas e seus aliados, como era o caso de Jango.

Por sua vez, o jornal *O Liberal*, criado pelo Partido Social Democrático (PSD), em 1946 para apoiar o governador paraense Magalhães Barata, permanecia governista no plano local, no período que antecede a 1964, mas demarcava campo com os líderes da agremiação de Jango, o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) no plano nacional.

As lideranças trabalhistas e estudantis do Pará, identificadas com as propostas do Governo Jango eram bastante hostilizadas pelos jornais, que muitas vezes davam a senha para ataques de milícias ou grupos antagônicos sobre as reformas políticas, como relata Roberto Cortez no livro *1964: relatos subversivos* sobre a forma preconceituosa como era tratada a Faculdade de Filosofia, apontada como antro de comunistas, subversivos, bichas e lésbicas.

O “Informante Invisível”, famosa coluna de fim de semana, da *Folha do Norte*, divulgava lista de suspeitos recomendando suas prisões.¹¹

Os trabalhadores também enfrentavam a fúria da repressão, com amplo apoio da mídia, como relata Raimundo Jinkings, liderança dos bancários na época.

Antes de 64 já a repressão agia violentamente aqui em Belém. (...) o Sindicato dos Petroleiros, foi invadido por ocasião de uma assembléia geral, pela polícia. Os provocadores estavam com um lençinho branco no pescoço para se identificar. (...) Ai foi presa toda a diretoria do Sindicato. (...) Os policiais que invadiram o sindicato dizem que receberam ordens do próprio Jarbas Passarinho, chefe do Estado Maior da 8ª Região Militar, na época.¹²

Artigos ácidos pregavam abertamente contra a ordem vigente e defendiam uma intervenção militar. Opiniões que ganhavam amplo destaque nas páginas dos impressos e reverberavam na mídia eletrônica de maior expressão naquele momento, o rádio, como também na televisão, que ainda não tinha o mesmo poder mobilizador de hoje.

¹¹ Souza, Roberto Maria Cortez de. *Relatos Subversivos: os estudantes e o golpe militar no Pará*. Belém: Edição dos Autores, 2004.

¹² Jinkings, Raimundo. *Cinco Depoimentos sobre os dias iniciais do regime militar no Pará*. Belém, Jornal Resistência, maio de 1982.

A elite orgânica montou, de fato, uma eficiente e poderosa rede de relações públicas e perícia profissional nos campos da comunicação e propaganda.¹³

Até as páginas ocupadas pelo noticiário tradicional sofriam alterações para abrigar poemas, desde de que o mote fosse a pregação anticomunista e a preparação ao golpe:

Concordo que os meus versinhos
Bem de pé quebrado são
Mas uma coisa eu garanto:
Partem de meu coração

Que também está partido
Com o que vai neste Brasil
Só peço á Deus que me ajude
A fazer mais uns dez mil
Confesso que às vezes penso
fazer versos assim:
Que lindo botão de rosa!
Que delicado jasmim!

E a planície colorida
Tumultuada de cores
Parecia o meu Brasil:
Um tabuleiro de flores...

Mas depois vem de lá de dentro
Uma revolta sem fim
E lá se vão as tais flores...
Pobre Brasil! Ai! De mim...

Só vejo flores vermelhas
Que não devem ser cheiradas

¹³ Dreifuss, René Armand. 1964: a conquista do Estado – ação política, poder e golpe de classe. Petrópolis (RJ): Vozes, 1987.

São flores russas, cubanas
Bem carecas ou barbadas

Se não cortarmos tais flores
Seremos lindo “jardim”
“Tratado” por jardineiros
De Havana e do Kremlin

Jardineiros desse tope
Para boa floração
Usam porque é mais barato
Adubo do... paredão

Brasileiro meu amigo
Comungo com a tua dor
Em regime comunista
Serás adubo ou flor

Este “conto está parece
O do touro Ferdinando
Que amava tanto as flores
... Só vivia suspirando

Mas Brasil, ninguém duvide
Da tua virilidade
Já tenho até solução
Que não é bem novidade

Pois sabendo-se que as flores
Vermelhas são famintas
E que as flores democratas
São flores só masculinas

Ficam todos satisfeitos

E resolve-se a questão
Por um ato natural
De simples fecundação

E logo das vermelhinhas
Findaria o antagonismo
Com esse modo bem fácil
De acabar com o extremismo

E esta fábula botânica
Já pode ter um fim
Pois voltaria o Brasil
A ser um lindo jardim.¹⁴

A mídia tomava partido dos interesses da elite dominante e silenciava ante o arbítrio praticado contra as camadas populares, contra a exclusão dos analfabetos da cena política, como acusa Cléo Bernardo:

Desembuchem. Confessem logo. Não continuem escondendo. É mais digno dizer claramente. Não mintam. Não venham com desculpas. Não adianta mais despistar. A verdade, que vem clareando como a madrugada depois da noite, é esta e absoluta, a nossa Democracia é uma democracia patronal. Por isso está na ilegalidade o Partido Comunista. Por isso é tão negado e combatido o Partido Socialista. Por isso é um Deus nos acuda a deflagração de uma greve. Por isso sargento não pode ser deputado. Por isso praça de pré e analfabeto não votam. Por isso, para vencer na Justiça é preciso muito dinheiro ou pouco caráter. Por isso gritam jornais defendendo contrabandistas perseguidos legalmente. Por isso rádios silenciam quando trabalhadores e camponeses são arbitrariamente presos e espancados.¹⁵

Quando houve o golpe, a partir do dia 1º de abril de 1964, não foi publicado nenhum editorial que expressasse qualquer reação ao movimento que derrubara a ordem legal e havia

¹⁴ Cardoso, Victor Matos. Versos com... Flores... Belém: Folha Vespertina, 8 de novembro de 1963.

¹⁵ Cléo Bernado. Pela Paz, Pela Democracia e Pelo Povo. Liberdade e Desenvolvimento. Belém: Jornal do Dia, 07 de novembro de 1963.

deposto o presidente da República. Pelo contrário, o que se viu foram manifestações de apoio e de delação dos aliados do regime democrático deposto.

O *Jornal do Dia* (criado em 1961), que no Pará se espelhava no modelo carioca da *Última Hora*, periódico que surgiu para sustentar o populismo de Getúlio Vargas e João Goulart, pouco tempo depois da ruptura constitucional passou a defender as bandeiras do regime militar e abrigar lideranças que articularam o movimento antidemocrático.

Quando os militares derrubaram Jango, em março de 1964, o jornal do grupo Pires Carneiro sentiu seu efeito imediato. Observadores contemporâneos da política paraense dizem que para salvar a própria pele, Armando Carneiro teria aceitado que seu jornal se tornasse o porta-voz do militarismo no Estado. (...) Há quem garanta, também, que Sá Leal (diretor) teria concordado em mudar de posição para proteger seus companheiros de redação, em grande número, abertamente identificados com o ideário esquerdista do presidente Jango. Foi uma das fases paradoxais do pequeno-grande jornal paraense. Basta citar como exemplo dessa guinada ideológica, o desembaraço com que o coronel José Lopes de Oliveira, o temível “Peixe-Agulha”, o Torquemada do golpe militar no Estado, escrevia artigos violentos contra algumas pessoas tidas por ele como corruptas ou subversivas.¹⁶

A quebra da ordem institucional foi tratada pela mídia, desde o primeiro momento, como “Revolução Militar de 1964” e o marco inicial como se fora em 31 de março, para fugir da coincidência do Dia da Mentira, que o povo brasileiro celebra no dia primeiro de abril.

O golpe foi uma ação das lideranças das forças armadas articulada com boa parte da elite civil, também no Pará. Isso fica bem claro não só pelo apoio explícito de parte expressiva das lideranças políticas, como também pelo envolvimento de empresários, que cediam veículos, instalações físicas, máquinas e equipamentos para suporte dos golpistas.

A exemplo de São Paulo, onde o jornal *Folha de S. Paulo* cedeu seus veículos às forças policiais e militares para o trabalho de perseguição às lideranças estudantis, sindicais e políticas, em Belém, uma das empresas identificadas foi a Construções Amazônia (Conama),

¹⁶ Ribeiro, Expedido Leal. Um Jornal de Campanha. Campinas (SP): Editora Komedi, 2007.

de Otávio Pires, que forneceu veículo aos repressores, que vigiavam as pessoas sem serem identificadas como policiais.

Enquanto esperávamos, eu, Humberto e Jocelyn, presos na Rural Willis (que não pertencia ao Exército, mas a uma empresa chamada Conama)...¹⁷

Bibliografia

- BRANCO, Carlos Castelo. *Os militares no poder*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.
- DEIFUSS, René Armand. 1964: *A conquista do Estado – ação política, poder e golpe de classe*. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 1987.
- KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários – Nos tempos da Imprensa Alternativa*. São Paulo: Editora Página Aberta, 1991.
- NASCIMENTO, Francisco Ribeiro do. *Páginas de resistência*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.
- NUNES, André Costa. 1964: *Relatos subversivos – Os estudantes e o golpe militar no Pará*. Belém: Ed dos Autores, 2004.
- REZENDE, Maria José. *A Ditadura Militar no Brasil: Repressão e Pretensão de Legitimidade – 1964-1984*. Londrina (PR): Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2001.
- RIBEIRO, Expedido Leal. *Um jornal de campanha*. Campinas (SP): Editora Komedi, 2007.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

¹⁷ Lima, Pedro Galvão. 1964. *Relatos Subversivos: os estudantes e o golpe militar no Pará*. Belém: Edição dos Autores, 2004.